

Fontes documentais para a história da imprensa em Coimbra nos séculos XVI-XVII: as escrituras notariais

Documentary sources for the history of printing in Coimbra in the sixteenth-seventeenth centuries: notarial deeds

Ana Maria Leitão Bandeira¹

RESUMO

A história da imprensa em Coimbra tem estado, muitas vezes, circunscrita ao recenseamento dos exemplares impressos na cidade e ao reconhecimento dos impressores que lhes deram vida. Mas para mais profundo conhecimento, a pesquisa sobre a sua história deverá ser alargada às fontes documentais manuscritas. Sabe-se de antemão da dificuldade de leitura paleográfica que estas fontes colocam, com as características letras encadeadas e processadas dos séculos XVI e XVII. No entanto, essas fontes não podem ser ignoradas, atendendo à complementaridade de informação com que vêm enriquecer o conhecimento da história da imprensa. O presente trabalho procura trazer a público algumas destas fontes documentais, com destaque particular para as escrituras notariais, redigidas por tabeliães de Coimbra,

¹ <https://orcid.org/0000-0002-2883-8994>; anamariabandeira@sapo.pt

que contêm contratos de obrigação com impressores e livreiros. Mas uma outra tipologia de escrituras deve também ser divulgada, como as escrituras de doação, de arrendamento e, ainda, procurações e testamentos que envolvem impressores e livreiros, seja como personagens principais desses atos contratuais, seja como simples testemunhas dos mesmos, oferecendo-nos o privilégio de conhecer as suas assinaturas e as suas moradas. Apresenta-se, através dessas escrituras notariais, a Irmandade de Nossa Senhora das Neves, localizada no Colégio de Jesus de Coimbra, à qual pertenciam impressores e livreiros de Coimbra. Muitos desses “irmãos” ocuparam cargos de relevo, como juiz e escrivão da dita Irmandade.

PALAVRAS-CHAVE

História do Livro, séc. XVI-XVII . Coimbra, tipografia e comércio

ABSTRACT

The history of the press in Coimbra has often been limited to cataloguing the copies printed in the city and recognising the printers who brought them to life. However, for a deeper understanding, research into its history should be extended to include handwritten documentary sources. It is well known that these sources pose a challenge in terms of palaeographic reading, with their characteristic chained and processed letters from the 16th and 17th centuries. However, these sources cannot be ignored, given the complementary information they provide, which enriches our knowledge of the history of the press. This work seeks to bring some of these documentary sources to the public, with particular emphasis on notarial deeds containing contracts with printers and booksellers. But another type of deed should also be disclosed, such as deeds of donation, lease and power of attorney involving printers and booksellers, either as the main characters in these contractual acts or as simple witnesses to them, offering us the privilege of knowing their signatures. These notarial deeds also mention the Brotherhood of Our Lady of the Snows (Irmandade de Nossa Senhora das Neves), at the College of Jesus in Coimbra, to which printers and booksellers from Coimbra belonged. Many of these “brothers” always held positions, such as judge and clerk of the said Brotherhood.

KEYWORDS

History of Books, 16th-17th centuries. Coimbra, printing and trade

Novos dados sobre livreiros e impressores de Coimbra, em escrituras notariais

A consulta dos livros de diversos tabeliães de Coimbra, para os séculos XVI e XVII, será reveladora de algumas novidades, sobretudo quanto a relações familiares próximas entre alguns dos que ocupavam estes ofícios, quanto a transações de bens e outros negócios que iam cimentando a atividade de impressores e livreiros. Quase todos residiam num provável *bairro de livreiros* que estaria confinado entre a então designada Rua das Fangas (atualmente a Rua Fernandes Tomás), a zona da Rua e do Arco de Almedina e a Rua de Quebra Costas, tornando-se esta zona da cidade uma área nevrálgica de produção e comércio livreiro. Isso mesmo pode ser confirmado ao ler a indicação de residência de muitos destes oficiais que são figuras principais nas escrituras notariais ou que são figuras secundárias, apenas como testemunhas dos atos contratuais. De acordo com o *Guia de Fundos do Arquivo da Universidade de Coimbra*, o volume mais antigo do cartório notarial de Coimbra está datado de 1563 e o volume mais antigo do designado *Cartório notarial de Coimbra – vilas e lugares* é de 12.11.1640, encontrando-se estas unidades mais antigas bastante afetadas pela humidade, pela oxidação do papel e por repasses de tinta².

Estando circunscrito o arco temporal de pesquisa e ainda pela dificuldade de leitura de alguns dos livros (todos os que estão mais oxidados e com repasses de tinta são indecifráveis) torna-se limitada a recolha de informações, uma vez que não poderão ilustrar todo o séc. XVII e muito menos o séc. XVI.

Entre as escrituras que nos levam até às moradas de alguns dos livreiros e impressores e a seus familiares diretos (filhos, mulheres, pais, sogros, etc.) podemos elencar diversas tipologias. Primeira-

2 O estado de conservação pode constatar-se pelo manuseamento direto dos volumes originais. As referências de datas foram colhidas em Paiva, 2015, pp. 452-453.

mente, deve referir-se que a pesquisa se debruçou, essencialmente, sobre livros do fundo notarial de Coimbra, mas também sobre livros de tabeliães privativos da Universidade e do Colégio de Jesus de Coimbra. Este privilégio de terem um notário privativo possibilita que possamos encontrar séries de Livros de Notas nos respetivos fundos documentais das aludidas instituições, cujos acervos se encontram no Arquivo da Universidade de Coimbra.

As escrituras notariais são testemunhos notáveis sobre os negócios em que se envolviam livreiros e impressores, lançando mão de oportunidades para alcançar outros proventos económicos, como nos revelam as procurações para tratar de negócios em Lisboa e no Porto, devido a relações mercantis que já possuíam nessas cidades. Também os encontramos a nomear procuradores, para os defenderem em questões judiciais, das quais nem sempre é possível reconhecer a situação, seja em Braga, seja em Évora, Lisboa, Porto ou mesmo Coimbra. Constatamos a vizinhança de núcleos familiares de impressores e livreiros e a colaboração entre todos os que exerciam uma mesma profissão. Conseguimos, assim, trazer à vida tantos dos que o olvido do tempo apagou e a quem somos devedores, por usufruir do privilégio de acesso a valiosas obras impressas e seus autores. Podemos entrever a forma como se perpetuavam os ofícios, ao revelar a presença de aprendizes de impressor e de livreiro como testemunhas, demonstrando o modelo de transmissão de conhecimentos nas oficinas de impressão e tendas de livreiros.

A importância dos livros notariais, como preciosas fontes documentais, já foi referida para o estudo da impressão e comércio do livro em Lisboa, como fez, por exemplo Jorge Fonseca (2015) que também sentiu a enorme dificuldade de consulta dos livros notariais quinhentistas e seiscentistas de Lisboa, existentes na Torre do Tombo: devido ao seu estado de conservação nem sempre estão acessíveis na sala de leitura. Seguidamente, serão apresentadas as escrituras mais relevantes já identificadas e o elenco começará com os tabeliães de

Coimbra. Posteriormente, será feita indicação de escrituras de livros de notas do Colégio de Jesus de Coimbra, talvez as mais significativas, por se reportarem a contratos com António de Mariz.

Tabelião Tomé Borges³:

20.08.1613 – Contrato de obrigação feita por Nicolau Carvalho impressor da Universidade pela qual recebeu 200 cruzados que o Bispo de Coimbra, D. Afonso Castelo Branco, lhe mandou emprestar, para ajuda da impressão das *Constituições do Bispado*. Nicolau Carvalho declarou já ter recebido este dinheiro das mãos de Francisco da Silva, prebendeiro do Bispo de Coimbra. Obriga-se a restituir este dinheiro ao Bispo de Coimbra, dali a seis meses. Dá como fiança a hipoteca das suas casas que se situam à entrada da Rua de Quebra Costas e que eram foreiras à Igreja do Salvador (fl. 28v).

25.11.1613 – Procuração dada por Diogo Gomes Loureiro, impressor, ao Padre Fernando Herrera, da Companhia de Jesus, na província de Andaluzia e residente em Sevilha, para receber uma dívida do mercador de livros Antonio de Touro (sic), morador em Sevilha. Esta dívida provinha da venda de livros da obra *De legibus* da autoria do Padre Francisco Suarez, lente de Prima de Teologia na Universidade de Coimbra. O livreiro espanhol registara já em carta de venda de 28.06.1612 esta dívida (fl. 28v).

28.01.1614 – Escritura de quitação feita na Rua das Fangas, em casa de Nicolau Carvalho, impressor da Universidade, dada por António Tavares, Josefa Borges e Mateus Tavares. Estes tinham-lhe passado procuração, para receber uma herança do seu familiar Gaspar Tavares que falecera na Índia; herança essa que se encontrava na Misericórdia de Lisboa (fl. 150).

31.01.1615 – Escritura de venda feita entre Sebastião Simões, pasteleiro e Diogo Gomes de Loureiro, impressor da Universidade. Revela

3 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC- V-1.ªE-9-3-69.

inúmeros dados biográficos sobre este último. Era procurador de Joana de Mariz, filha de António de Mariz (impressor da Universidade, já defunto) e morava na Ribeira de Cernache dos Alhos. Diga-se que foi este o local onde António de Mariz teve uma prensa portátil, finalizando ali a impressão da obra de seu filho Pedro de Mariz, em 1599⁴. Nesta escritura também é mencionado o Desembargador Francisco Gomes Loureiro, irmão do impressor Diogo e cunhado de Joana de Mariz. Vendem a Sebastião Simões umas casas que estão no primeiro Beco, no fundo da Rua de Quebra Costas⁵ (fl. 99).

Na actual toponímia coimã preserva-se a memória deste ofício do livro. Os dois becos que existem ao fundo da Rua de Quebra-Costas estão bem delimitados: o segundo com a designação Beco da Imprensa e o primeiro apenas designado Beco de Cima.

03.02.1615 – Procuração dada a Domingos de Sousa, livreiro morador na Rua das Fangas, por sua mulher Isabel Leite, para vender os bens de sua sogra, moradora em Lisboa. Foram testemunhas nesta procuração Pedro Carvalho e João da Mata, livreiros de Coimbra (fl. 103v).

As duas escrituras, seguidamente analisadas, são de enorme pertinência, por revelarem o contacto entre impressores portugueses e livreiros espanhóis, com a particularidade de serem estes últimos, Jeronimo de Yepes e Miguel de Sande, que então se encontravam em Coimbra e aqui solicitaram que fossem redigidas estas escrituras. Ambos se relacionavam com Diogo Gomes Loureiro, impressor em casa de quem foi redigida a primeira escritura e com o impressor Nicolau Carvalho que fizera uma fiança a favor dos livreiros espanhóis. Yepes e Sande foram já referidos e encontravam-se em Lisboa, também em 1615, ano da escritura que fazem em Coimbra, atestando a facilidade

4 Trata-se da obra *Dialogos de varia historia em que sumariamente se referem muytas cousas antigas...* Apesar da folha de rosto desta obra dizer que foi impressa na oficina de António de Mariz, o colofão refere que acabou de se imprimir na Ribeira de Cernache dos Alhos, nos Moinhos do Acipreste, em 8 de agosto de 1599.

5 *Livro de Notas*, AUC-1.ªE-9-3-72.

de circulação no nosso país e os contactos mercantis com livreiros e impressores (Fonseca, 2015, pp. 54-55).

04.05.1615 – Escritura de contrato, composição e quitação entre Jeronimo de Yepes, mercador de livros e morador em Valladolid, e Miguel de Sande, mercador de livros e morador em Madrid. Ambos tinham feito uma companhia (ou sociedade) havia dois anos, que então anulam, pagando o segundo 9 mil reais de prata castelhanos, estipulando que uma parte seria paga em Coimbra ou no Porto, e outra parte em Segóvia ou em Madrid, até ao Natal. Deu como fiança de pagamento «dez ballas de livros de vinte e duas ballas de livros que eram da companhia...». Estes livros seriam levados a Segóvia, a casa de Jerónimo de Espinosa, mercador de livros, para que os tivesse em depósito até ser feito o pagamento. Jeronimo de Yepes poderia vender todos os livros que eram da companhia e estavam em Coimbra, Lisboa e Sevilha. Refere que tinha dívidas com o impressor de Lisboa, Pedro Craesbeck, que lhes fizera a impressão de livros que eles negociavam. A escritura dá a conhecer outras dívidas destes livreiros espanhóis, de impressões que ainda estavam a ser feitas, sendo mencionadas quatro obras. Estiveram presentes, como testemunhas, os livreiros João da Mata e Damião Rodrigues⁶ (fl. 105v-108v).

Podemos interrogar-nos por que razão estes livreiros mandaram imprimir livros em Lisboa, a Pedro Craesbeck, tal como questionou Jorge Fonseca (2015, p. 54) ao localizar escrituras de livros notariais de Lisboa, com estes mesmos intervenientes, no seu levantamento de *Impressores e livreiros europeus na Lisboa dos séculos XVI e XVII*. Provavelmente, por uma melhor qualidade de papel e impressão ou melhor preço. Não se deve esquecer que a qualidade do papel produzido em Espanha não era a melhor, pelo menos na época de seiscentos em que se fizeram estes contratos de impressão em Lisboa. A seguinte escritura lavrada no mesmo livro do tabelião de

6 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC- V-1.ªE-9-3-73.

Coimbra Tomé Borges revela como o contacto entre o impressor da Universidade Nicolau Carvalho e estes dois mercadores espanhóis se fazia para obtenção de papel, mostrando a forte ligação entre o comércio do livro e o comércio do papel.

01.06.1615 – Declaração de fiança feita por Nicolau Carvalho, impressor da Universidade e livreiro. Declarou que fez uma escritura de fiança no tabelião Diogo Lopes de Sequeira, em maio de 1615, a favor de Miguel de Sande, morador em Madrid e Jeronimo de Yepes, morador em Valladolid, mercadores de livros. A fiança dizia respeito a 600 resmas de papel que estes teriam de «tomar fiadas» a mercadores de Lisboa, para as trazerem para Coimbra e entregarem a Nicolau Lopes. Então, com este papel, lhes poderia imprimir um livro que «com os sobreditos estava consertado de lhe empremir» (fl. 165v). Mas não foi possível identificar a obra de que se fala.

07.06.1623 – Escritura de fiança dada pelo impressor Diogo Gomes Loureiro, morador na Rua das Fangas, a Manuel Afonso, livreiro, relativa ao arrendamento de dízimos da igreja de Cernache. Foram testemunhas o livreiro João Rodrigues e o aprendiz de impressor João Cardoso (fl. 15)⁷. Esta escritura seria reformulada no mesmo tabelião, em 04.07.1624, sendo testemunhas Manuel Afonso e Pedro de Queirós, livreiros, e o aprendiz João de Almeida (fl. 164)⁸.

As referências feitas nas escrituras notariais, quando se apresentam testemunhas que são aprendizes, são também um dado a acrescentar, sobre a forma como se fazia a transmissão de conhecimentos, nas oficinas de impressores e tendas de livreiros.

03.08.1623 – Procuração dada pelo impressor Nicolau Carvalho ao mercador Nicolas Meliess (sic) morador em Sevilha, para receber do Padre Fonseca, do Colegio de San Hermenegildo, da Companhia de Jesus de Sevilha, 919 reais de prata ou as escrituras que tem em

7 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC- V-1.ªE-9-3-82.

8 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC- V-1.ªE-9-3-84.

seu poder, que o Padre Henrique Cardoso tinha feito com Antonio de Toro, Hernando de Mexia e Francisco de Lira (todos livreiros de Sevilha) dos livros que o Padre Henrique de Quadros lhe vendeu e que Nicolau Carvalho lhe enviara de Coimbra (fl. 63v).

02.05.1625 – Procuração dada por Nicolau Carvalho, impressor da Universidade, a António Gomes residente em Madrid, em casa do Doutor Simão Torresão Coelho. Esta escritura, que foi redigida em casa de Nicolau Carvalho, na Rua das Fangas, destinava-se a poder receber todos os livros e dinheiro que lhe eram devidos e se encontravam em posse de Cornelio Martin e Jeronimo de Curbes (sic), moradores na Universidade de Salamanca. Estiveram presentes, como testemunhas, os livreiros João da Costa e António Henriques⁹ (fl. 173).

Tabelião **Francisco Soares Rebelo**¹⁰:

? 03.1672 – Doação feita em casa do impressor da Universidade Tomé Carvalho (que estava deitado numa cama por ser já muito velho) a seu neto Rodrigo de Carvalho. Entre os bens doados consta uma imprensa que se diz «aparelhada de todas as sortes de letras e cratheres (sic)» e que nela se «obrava» tudo aquilo que se faz numa imprensa. Foram testemunhas os livreiros João Rodrigues e João Antunes (fl. 19). Esta escritura notarial permite conhecer os laços de parentesco entre os impressores Tomé Carvalho e seu neto Rodrigo de Carvalho que depois também acrescentará o apelido Coutinho e que sucederá, como privilegiado da Universidade, a sua mãe Maria Coutinho, impressora da Universidade, após o falecimento desta (Bandeira, 2024).

24.03.1672 – Procuração dada pelo impressor da Universidade Tomé Carvalho a sua filha Maria Coutinho, viúva de Manuel Carva-

9 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC- V-1.ªE-9-3-86.

10 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC- V-1.ªE-8-4-149.

lho (que também fora impressor da Universidade) e a dois outros indivíduos, moradores em Coimbra e em Lisboa, para o representar numa causa cível que corria na Mesa da Fazenda da Universidade e lhe fora movida pelo livreiro José Ferreira e pelo impressor Manuel Dias (fl. 28).

12.05.1672 – Declaração da doação que já fora feita pelo impressor Tomé Carvalho ao seu neto Dr. Sebastião de Carvalho Coutinho, de casas que possuía junto à Câmara (fl. 57v).

09.06.1672 – Doação feita pelo impressor Tomé Carvalho a seu neto António Carvalho Flores de certas casas que possuía na Rua das Fangas e que confrontavam com casas do livreiro Manuel Dias. Foram testemunhas desta escritura o impressor Domingos Batista e o livreiro João Antunes (fl. 68).

Tabelião **João Pereira**¹¹:

09.02.1688 – Compra feita por Manuel Leonardo, livreiro e impressor, de casas situadas na Rua das Fangas, a António Gonçalves Correia. Estas casas confrontam com as de Sebastião Rodrigues, mercador de livros (fl. 42).

09.02.1688 – Contrato de dinheiro dado a juros (200 mil réis) por António Gonçalves Correia a Manuel Leonardo, livreiro e impressor, seguida da outorga de sua mulher, Maria dos Reis, para poder celebrar este contrato (fl. 43v).

Por último, neste mesmo tabelião (fl. 71v) foi lavrada, em 30.03.1688, uma escritura de procuração, pela qual o livreiro Inácio Gomes constituiu como seus procuradores os licenciados Matias Carneiro e Manuel Lopes de Matos e ainda o procurador da Misericórdia, André Barreto, todos moradores no Porto. A estes dava todos os seus poderes para o defenderem numa causa judicial, provavelmente relacionada com a sua atividade de livreiro.

11 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC- V-1.ªE-9-6-12.

Tabelião **António Rodrigues** (e seus sucessores)¹²:

13.04.1687 – Contrato de dinheiro dado a juros pela Misericórdia de Coimbra a Domingos Duarte, mercador de livros e irmão da Misericórdia, morador na Rua das Fangas (fl. 88v- 90).

02.06.1687 – Escritura de reclamação duma fiança feita por João Antunes, mercador de livros, morador em Coimbra. A fiança destinava-se a mandar vir de Roma uma Bula em favor do Padre Manuel de Sousa, músico da Sé de Coimbra, para ser religioso do Colégio da Trindade (fl. 113).

31.03.1686 – Procuração dada por Sebastião Rodrigues, mercador de livros e escrivão da Casa dos Vinte e Quatro Misteres de Coimbra, a José Ferreira, impressor da Universidade e «juiz do povo» de Coimbra (fl. 100v -101).

08.04.1686 – Contrato de obrigação entre Domingos Ferreira de Aguiar, mercador e morador em Coimbra e Bento Seco, livreiro, morador em Coimbra. Relata a execução de bens de Domingos Henriques que foi mercador de livros, citando a sua livraria e tudo o que se achou na sua loja. Todos estes bens foram tomados por Bento Seco, morador em casa do impressor José Ferreira, por 88 mil réis, por arrematação em praça pública. O contrato de obrigação foi redigido em casa de Domingos Duarte, mercador de livros e foram testemunhas o mesmo Domingos Duarte e Manuel Simões, impressor.

Tabelião **Francisco Gomes da Silva**¹³:

04.04.1685 – Procuração dada por João Antunes, mercador de livros, a Manuel de Figueiredo, também mercador de livros, para o representar e receber o que lhe estava devendo Manuel Gomes de Mendanha, de Montemor-o-Velho (fl. 112).

12 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC-V-1.ªE-9-6-10 e V-1.ªE-9-6-9.

13 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC-V-1.ªE-8-4-159.

13.04.1685 Contrato de dinheiro dado a juros (100 mil réis) pelo Colégio da Trindade a Domingos Henriques, mercador de livros (fl. 120v).

Tabelião **João Dias Gomes**¹⁴:

30.06.1687 – Contrato de dinheiro dado a juros (250 mil réis) pela Misericórdia de Coimbra a Manuel Rodrigues de Almeida, mercador de livros e irmão da Misericórdia, ao fundo da Rua das Fangas (fl. 23v).

24.11.1688 – Contrato de dinheiro dado a juros pela Irmandade de Nossa Senhora das Neves, sita no Colégio de Jesus de Coimbra, a Manuel Barreto, mercador de livros, morador em Quebra-Costas. Estiveram presentes José Ferreira, livreiro e juiz da referida Irmandade, e João Antunes, livreiro e escrivão da mesma Irmandade (fl. 34v).

07.01.1689 – Procuração dada pelo livreiro Manuel de Figueiredo a várias pessoas, entre elas está o livreiro João Antunes. Para o representarem num processo judicial (fl. 51).

24.09.1692 – Procuração dada por Manuel de Figueiredo, mercador de livros, a Luís Ferreira da Rocha, também mercador de livros, e a Francisco Marinho de Queirós, solicitador da Relação do Porto, e moradores ambos também no Porto (fl. 41v).

12.12.1692 – Confissão de dívida de João Antunes, livreiro, à Irmandade de Nossa Senhora das Neves por dinheiro que lhe fora emprestado. Foram testemunhas desta escritura notarial: os dois livreiros Inácio Gomes Ferreira e João de Magalhães. Era então juiz da Irmandade José Rodrigues, o bedel da Faculdade de Leis, sendo escrivão da Irmandade o impressor Manuel Barreto. Deu como hipoteca, para garantia deste empréstimo, as suas casas na Rua das Fangas que partem com o Arco de Almedina e com casas de Matias Carvalho, livreiro (fl. 14).

27.02.1693 - Contrato de dinheiro dado a juros por José Ferreira, impressor da Universidade e morador na Rua das Fangas, ao boticário Manuel Carvalho. Foram testemunhas o impressor Manuel Simões, mo-

14 Arquivo da Universidade de Coimbra, cota AUC-V-1.ªE-8-4-161 – 162 - 168.

rador no bairro da Pedreira; António Simões, aprendiz de impressor em casa de José Ferreira e um outro aprendiz de livreiro, Matias Ferreira, natural de Braga e morador em casa do mesmo impressor da Universidade, José Ferreira (fl. 90).

Destaque particular para os impressores António de Mariz e José Ferreira

Estes dois impressores destacam-se entre todos os outros impressores de Coimbra, por serem os mais distintos profissionais que alargaram a sua prática profissional a outras localidades, não deixando de imprimir em Coimbra. Todas as indicações que aqui se apresentam sobre a atividade que exerceram no Porto foram já dadas a conhecer (Leão, 1995). Apenas se trazem, agora, à colação para, com a complementaridade dos dados recolhidos em Coimbra, se poder delinear melhor o perfil destes profissionais. Deve dizer-se que o privilégio concedido pelo Rei D. Manuel, em 1508, elevou socialmente, de certa forma, todos os impressores, uma vez que não são já tratados como oficiais mecânicos, mas sim como cavaleiros da Casa Real que praticavam «a nobre arte de impressão» (Leão, 1995, p. 146). No entanto, sabemos que isto nem sempre aconteceu e que, por muito tempo, foram considerados como oficiais mecânicos.

António de Mariz era já um dos maiores impressores e livreiros de Coimbra quando efetua negócios com dois mercadores do Porto, aos quais compra, em 1571, uma «lyvraria de framdes e dous cofres», pelo elevado preço de 134 mil e 220 réis¹⁵. Ou seja, além de impressor era, nitidamente, um negociante de livros, um verdadeiro livreiro.

Além de contactos de negócios, para aquisição de livros no Porto, os privilégios recebidos para impressão denotam a sua craveira profissio-

15 Segundo Leão, 1995, p. 145, citando documentos do Arquivo Distrital do Porto, Tristão Roiz Vila Real e seu sobrinho Jorge Dinis, mercadores da Rua de São Miguel, no Porto, a quem António de Mariz efetuou a compra, poderiam ter estreito negócio com a Flandres.

nal (Santos, 2023). Estabeleceu uma imprensa em Braga, onde se sabe que trabalhava já em 1563, com a impressão de *Carmina* de Ioannes Despauterius (nome latino do humanista flamengo Jan van Spauter, dito em português João Despauterio e em francês Jean Despautère)¹⁶ e outras obras, apresentando-se como «empresor do senhor Arcebispo Primas» (Santos, 2023, p. 10). Em 1567, imprime o *Flos Sanctorum* do Padre Fr. Diogo do Rosário, O.P., e isto é uma prova de que tinha capacidade para gerir duas oficinas tipográficas, em Braga e em Coimbra, pois é nesta cidade que imprime também, em 1567, um *Compendio e sumario de Confessores* (Almeida, 2007, p. 61). Em 1570 já se intitula impressor e livreiro da Universidade, no colofão da obra por si impressa (Imagem 1). Neste ano, Coimbra via pela primeira vez serem impressos caracteres chineses, tratando-se do primeiro livro impresso no Ocidente com estes caracteres (Dias, 2014): *Cartas que os Padres e os irmãos da Companhia de Jesus que andão no Reyno do Japão [...]*. Esta singularidade, só por si, permite eleger este impressor entre os mais ilustres do seu tempo e colocar Coimbra entre os centros culturais de primeiro acesso à escrita chinesa. Mas a sua vasta obra de mais de 100 títulos, em que se inclui também o uso do alfabeto grego, permite ajuizar da sua grandeza e qualidade de impressão, trabalhando durante 43 anos (1556 a 1599).

Sabe-se, pois, que imprimiu em Braga, em Coimbra, em Leiria – onde em 1757 deu à estampa, apenas, o *Passionarium* de Manuel Cardoso (Almeida, 2007) e, pontualmente, em Cernache dos Alhos, freguesia de Coimbra, dita então “fora de portas”, para acabar de imprimir, com uma prensa portátil (e para fugir à peste que grassava na cidade) a obra de seu filho Pedro de Mariz, *Diálogos de vária história*; mas também teve loja de livros em Lamego (Carvalho, 1868)¹⁷.

16 Obra existente na BNP (RES. 2824 P.) acessível em <https://purl.pt/23205/service/media/pdf>. Certamente, por lapso tipográfico Dias, 2007, p. 60, refere a data de publicação de *Carmina* em 1561 e não 1563, como se pode confirmar pelo acesso online à obra.

17 Joaquim Martins de Carvalho dedicou-lhe as págs. 286-288 da sua obra, mas o imenso trabalho deste grande impressor coimbricense merece um estudo profundo.



Imagem 1 – Página de rosto de *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Iesus, que andão nos Reynos de Iapão escreuerão aos da mesma Companhia [...]*. Coimbra: António de Mariz, 1570.

A imagem revela um exemplar que pertence à Biblioteca Nacional de Lisboa (Reservados, 442)¹⁸. Os caracteres chineses são

18 Acessível em https://purl.pt/22936/4/res-442-p_PDF/res-442-p_PDF_24-C-R150/res-442-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R150.pdf. Existe na BNP um outro exemplar incompleto RES 233 P., com a mesma data e local de impressão, mas com disposição de texto diferente na página de rosto e também é diferente o desenho do brasão de D. João Soares (Dias, 2014, pp.77-80).

apresentados nas páginas finais. Os referidos caracteres sínicos, como os que figuram na pág. 163 da obra citada, estão erradamente colocados na horizontal e não na vertical. A sua leitura só pode ser feita, rodando a página do livro na vertical, como foi já identificado por Dias (2014). No colofão da obra, António de Mariz apresenta-se como impressor e livreiro da Universidade. Uma outra fonte documental dada a conhecer em seguida (Imagem 2) certifica-nos que praticava o comércio do livro, fornecendo volumes à Universidade, sempre que estes eram necessários. Trata-se do pagamento de 1000 réis feito em 20 de junho de 1593 e entregues ao Padre Gaspar Fernandes, prior de São Cristóvão, que foi também tesoureiro da Capela da Universidade, por ter comprado a António de Mariz um missal para a referida Capela.

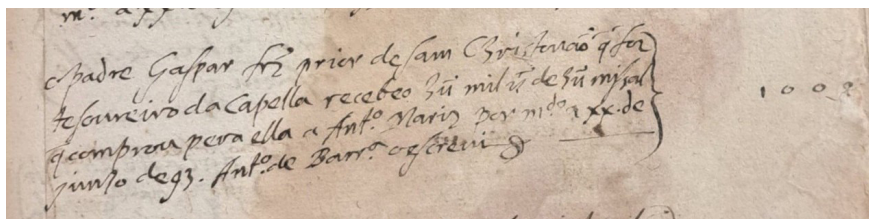


Imagem 2 – 1593.06.20 – Fragmento de texto do livro de *Registo de Receita e Despesa da Universidade* do ano letivo de 1592-1593¹⁹.

No texto redigido por António de Barreira, escrivão da Mesa da Fazenda da Universidade, pode ser lida a alusão da compra de livros a António de Mariz (Imagem 2). Esta série documental de livros de *Registo de Receita e Despesa*... (à qual pertence o registo de pagamento revelado) permite conhecer, entre outros assuntos, os pagamentos a livreiros e quais os livros adquiridos, bem como papel e encadernações.

¹⁹ Universidade de Coimbra (F); Livros de Receita e Despesa (SR), 1592-1593 – cota AUC-IV-1.
^aE-12-3-3.

Outros exemplos podiam ser apresentados, pois são comuns e alguns foram já publicados (Almeida, 1970). Assim se comprova que António de Mariz também se dedicava ao comércio livreiro e não era apenas um impressor. Além da referência já conhecida de ter uma loja de livros em Lamego, também em Coimbra a deveria possuir, provavelmente junto da sua oficina tipográfica. O mesmo se diga quanto ao impressor da Universidade José Ferreira, cuja atividade se prolonga para o séc. XVIII e que também fornecia livros e papel para a Universidade.

Contratos para impressão de livros

As escrituras destinadas à celebração de contratos para impressão de livros permitem-nos adentrar no mundo tipográfico e conhecer as cláusulas contratuais entre autores e impressores, entre os patrocinadores de obras e os impressores e livreiros. Estas fontes primárias não são abundantes, mas podemos dizer que Coimbra tem o privilégio de conseguir reunir alguns destes documentos contratuais que enriquecem a história da imprensa na cidade.

Entre as escrituras de contratos de impressão que se encontram no acervo do Arquivo da Universidade de Coimbra, podemos elencar as que pertencem ao fundo documental da Universidade de Coimbra e as que pertencem ao fundo documental do Colégio de Jesus de Coimbra.

Começando por esta última instituição, deve citar-se, primeiramente, o contrato redigido pelo tabelião privativo do Colégio de Jesus de Coimbra, em 2 de abril de 1591 (Imagem 3).

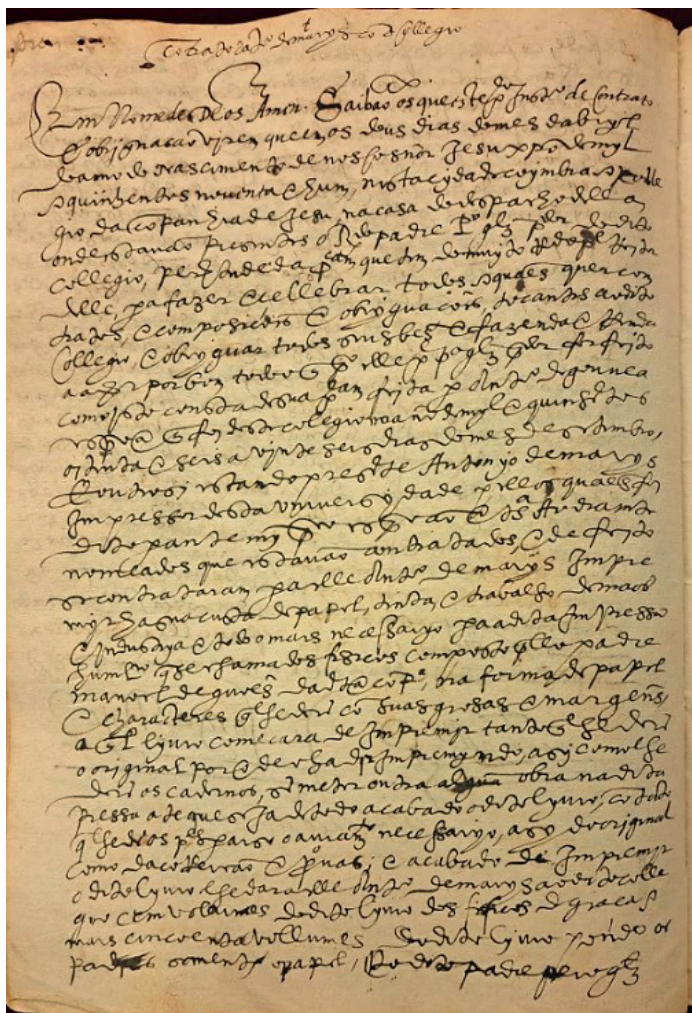


Imagem 3 - 1591, abril, 2, Coimbra – Contrato de obrigação feito entre o Colégio de Jesus de Coimbra e o impressor António de Mariz.

Este contrato para António de Mariz imprimir, à sua custa, o chamado livro «dos Físicos» de que era autor o Padre Manuel de Góis foi redigido na casa do despacho do referido colégio pelo seu escrivão Diogo Coutinho²⁰. Em Apêndice documental (doc.1) deste artigo fica

²⁰ Colégio de Jesus de Coimbra (F); Livros Notariais (SR) vol. 10, fl. 45v- 46v. - cota AUC-IV-1.

^aD- 25-3-11.

apresentado o texto completo da escritura notarial, em transcrição paleográfica. Apesar da parte principal do contrato dizer respeito ao *Livro dos Físicos*, também se refere à impressão da Gramática de Manuel Álvares e ao seu uso nos diversos colégios da Companhia de Jesus, aos quais António de Mariz deveria entregar certos exemplares.



Imagem 4 - Folha de rosto da obra *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, in octo libros. Conimbricæ: Typis et expensis Antonij à Mariz Universitatis typographi, MDLXXXII* – ou seja Coimbra: António de Mariz, 1592²¹ - UCBG 2-8-13.

21 Acessível: <https://rnod.bnportugal.gov.pt/rnod/winlibsrch.aspx?key=9340590721214A52896DF55BF17E0142&cap=&pesq=5&thes1=116415&dtype=lista&tp=16&sort=4>

No exemplar apresentado (Imagem 4) pode ser visto o carimbo de posse da Biblioteca Geral da UC, pertencendo este exemplar, originalmente, ao Colégio de São José de Coimbra²². A obra teve licenças de impressão em 1591, mas só foi concluída em 1592, de acordo com os dados colhidos em *Conimbricenses*²³ e também na descrição bibliográfica da obra, no site da BNP. Foi dada ao prelo à custa do mesmo impressor, como ficou registado no pé de imprensa «Typis et expensis».

Foi o primeiro volume impresso da obra *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In Octo Libros Physicorum Aristotelis Stagiritae*. A obra pode também ser consultada no site dedicado aos autores jesuítas do Colégio de Jesus de Coimbra, designados por Conimbricenses. O documento acima referido (Imagem 3), no qual se descrevem as cláusulas contratuais para a impressão desta obra, é um dos raros exemplares de escritura de obrigação para a impressão de uma obra que hoje podemos conhecer. Logo nas primeiras linhas do texto ficou expresso que se trata dum «instrumento de contrato e obrigação». Logo a seguir à identificação dos intervenientes começa a indicação das cláusulas contratuais, entre as quais: «imprimir à sua custa de papel, tinta e trabalho de mãos e industria». Começaria a imprimir logo que se lhe desse o original: «assi como se lhe derem os cader-nos». Isto pressupõe que o original manuscrito não lhe foi entregue na totalidade, mas iria sendo entregue aos poucos, em cadernos. Não poderia incluir na sua imprensa qualquer outra obra, antes de terminar esta impressão, ficando em dedicação exclusiva à obra. Iria dando ao Colégio de Jesus o que fosse necessário, para a correção e provas. Logo que terminasse o livro, entregaria 100 exemplares à sua custa e mais 50 exemplares, dando-lhe o Colégio o papel.

22 Acessível em outro exemplar no site da BNP e também na Biblioteca Universitária Alessandrina em <https://www.conimbricenses.org/octo-libros-physicorum/>

23 Acessível em: <https://www.conimbricenses.org/octo-libros-physicorum/>

Vamos encontrar, cinco anos depois, uma outra escritura, com os mesmos intervenientes, o que assegura a forma como foi aceite a impressão do primeiro volume da obra, pela sua qualidade e esmero, uma vez que uma obra de comentários exige uma mancha de texto cuidada, com boas margens e espaço para o texto e as glosas e, ainda, as notas marginais.

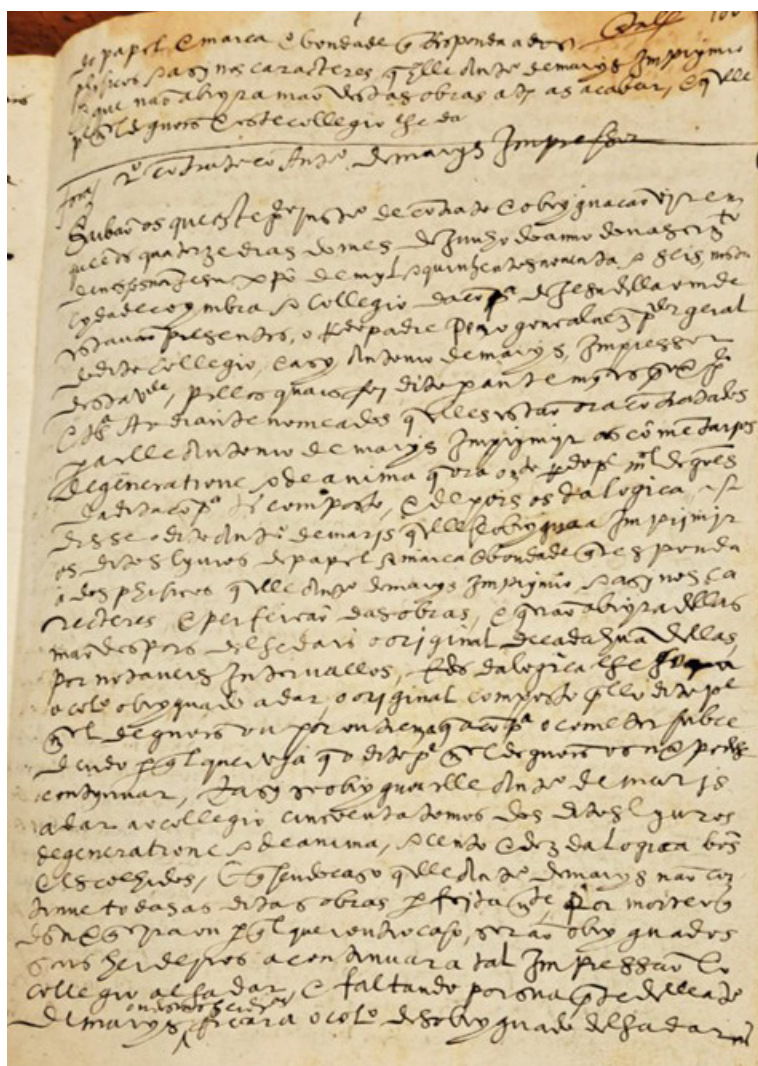


Imagem 5 - 1596.06.14 – Contrato feito entre o Colégio de Jesus de Coimbra, através do seu procurador geral, Padre Pedro Gonçalves, com o impressor António de Mariz.

Esta escritura notarial de contrato de obrigação destinava-se a que António de Mariz desse à estampa os comentários redigidos pelo Padre Manuel de Góis S.J. e está igualmente registada num volume existente no Arquivo da Universidade de Coimbra²⁴.

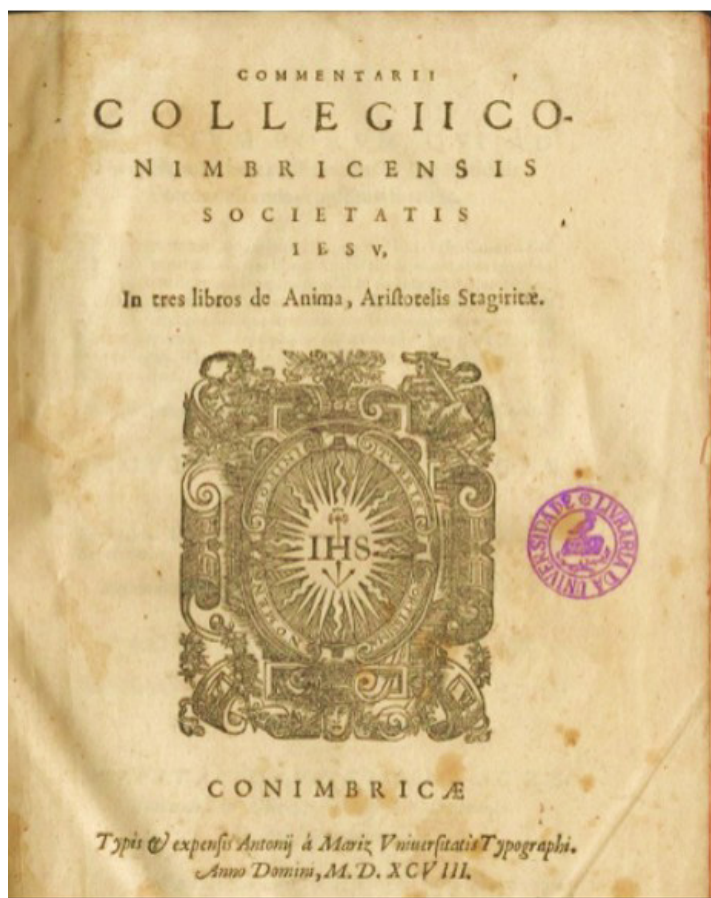


Imagem 6 – Portada da obra *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu In tres libros de Anima, Aristotelis Stagiritæ*...Coimbra: António de Mariz, 1598 - exemplar da Biblioteca Joanina (cota 2-8-13-9).

Esta obra, geralmente identificada como *Comentário ao De anima* de Aristóteles, encontra-se na Biblioteca Geral da Universidade

²⁴ Colégio de Jesus de Coimbra (F); Livros de Notas (SR), vol. 11, fl. 106-107, cota AUC-IV-1ªE-25-3-12.

Coimbra e na Biblioteca Joanina, num total de cinco exemplares desta sua 1.^a edição²⁵. Como podemos constatar pela leitura do contrato para a impressão (Imagem 5) que foi feito em 14.06.1596, a obra só ficaria concluída em 1598, como consta no pé de imprensa.

Apresentamos apenas um resumo do contrato que ficou lançado em três páginas, recolhendo o que é mais significativo, pois o texto completo é apresentado em Apêndice documental (doc. 2) no final deste artigo. Logo, em primeiro lugar, diz-se que a obra terá os mesmos caracteres e perfeição da anterior obra impressa *Dos Físicos* e que o original manuscrito se lhe dará «por notáveis intervalos», significando que teria o tempo necessário para que a composição corresse de feição. Seria obrigado a entregar 50 tomos dos primeiros livros *De generatione* e *De Anima* e 110 tomos da *Logica*. Da imensa produção de António de Mariz pode ainda destacar-se a obra impressa em 1595, para a qual não foi encontrado contrato: *Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil*, do Padre José de Anchieta. Dá a conhecer a língua tupi e tem origem na necessidade de conhecer a língua local, de a uniformizar e poder comunicar melhor com os povos autóctones no sentido da evangelização. Estima-se que hoje apenas existam 10 exemplares, um dos quais na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin²⁶.

Apresenta-se, brevemente, o último contrato com António de Mariz uma vez que ele já foi publicado (Bandeira, 1995). Figura também num livro de notas do Colégio de Jesus de Coimbra e na imagem 7 apenas se ilustra a parte final, com as assinaturas dos intervenientes, das quais destacamos as de António de Mariz e de Francisco Pinto da Cunha que era «Fidalgo de Sua Magestade Senhor do c.º de Felgueiras» que participava na escritura «de parceria» com António de Mariz. Ou seja, este é um exemplo de escritura notarial de contrato de parceria de edição.

25 A descrição bibliográfica está acessível em <https://almamater.uc.pt/bib-geral/item/45825>

26 Acessível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4674>

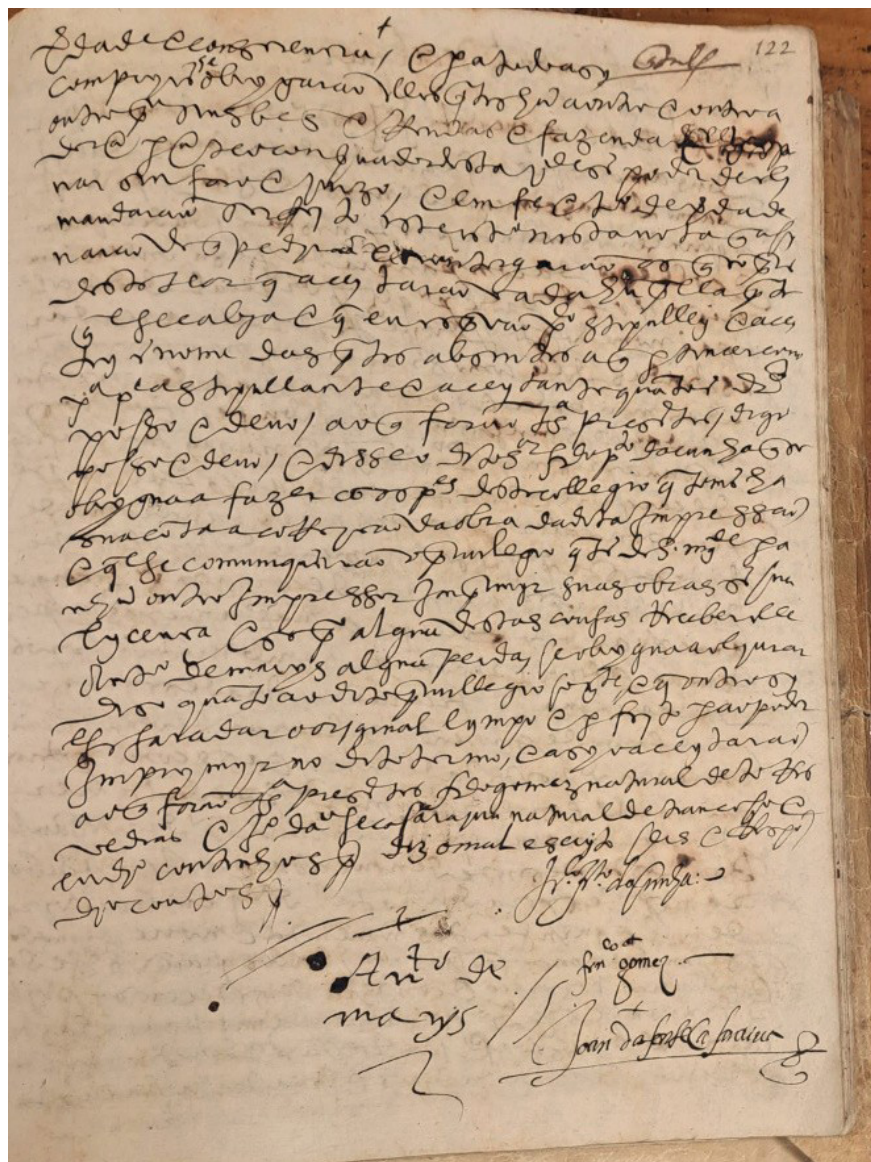


Imagem 7 - 15.03.1597- Contrato de obrigação feito no Colégio de Jesus de Coimbra com António de Mariz para a impressão da obra do P. Sebastião Barradas²⁷.

^aE-25-3-12.

Os dados principais, a recolher entre as cláusulas contratuais, são os seguintes: António de Mariz ficava obrigado a imprimir 1200 exemplares, dos quais entregaria à Companhia de Jesus 60 exemplares, sendo os restantes para si e para Francisco Pinto da Cunha, podendo vendê-los por sua conta e risco. Este último entregaria o papel para o livro, até 600 cruzados e, se fosse necessário mais papel, a responsabilidade do fornecimento pertenceria ao Colégio de Jesus, que também seria responsável pela correção da obra. Seria impresso apenas o primeiro tomo da obra do jesuíta Padre Sebastião Barradas. Sabemos que algumas das cláusulas contratuais não foram cumpridas, situação que foi revelada numa escritura de quitação, redigida já depois do falecimento de António de Mariz, publicada por Lopes de Almeida (1970, pp. 21-24). Essa escritura, datada de 04.03.1603, foi redigida pelo tabelião António de Gouveia, na casa de hospedaria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde se encontrava Francisco Pinto da Cunha (morador em Cabeceiras de Basto). Estiveram presentes o licenciado Pedro de Mariz, filho de António de Mariz e o genro deste, Diogo Gomes de Loureiro, os quais decidiram entrar em acordo com Francisco Pinto da Cunha para o ressarcirem de dívidas que estavam por saldar.

O impressor José Ferreira de que agora se dará a conhecer um contrato de impressão (Imagem 8) começou por ter loja de livreiro na Rua das Fangas, no local onde habitava desde 1663, mas em 1672 alargou ali a sua atividade, com a instalação de uma imprensa, residindo e trabalhando sempre no mesmo local, até ao seu falecimento em 1707 (Carvalho, 1869). Teve o privilégio de impressor da Universidade e foi familiar do Santo Ofício, cujo privilégio de impressor obteve. A qualidade das suas impressões levou a que o Bispo do Porto o convidasse para ali imprimir, em 1690, as *Constituições do Bispado do Porto*, depois da destreza revelada na impressão das *Constituições do Bispado de Coimbra*, em 1684.

de papel impressas «que fazem 400 meias folhas» com a declaração de que se fossem necessárias mais folhas, se lhe pagaria por cada uma 1250 réis. Se, por outro lado, levasse menos de 200 folhas, se abateria a José Ferreira 1250 réis por cada folha a menos. Foi retirada a cláusula que ficara no contrato anterior, acerca das letras usadas. Também se obrigava a imprimir o índice dos capítulos, cujos originais manuscritos lhe seriam dados a tempo de os poder imprimir, dentro dos 16 meses de seu contrato.

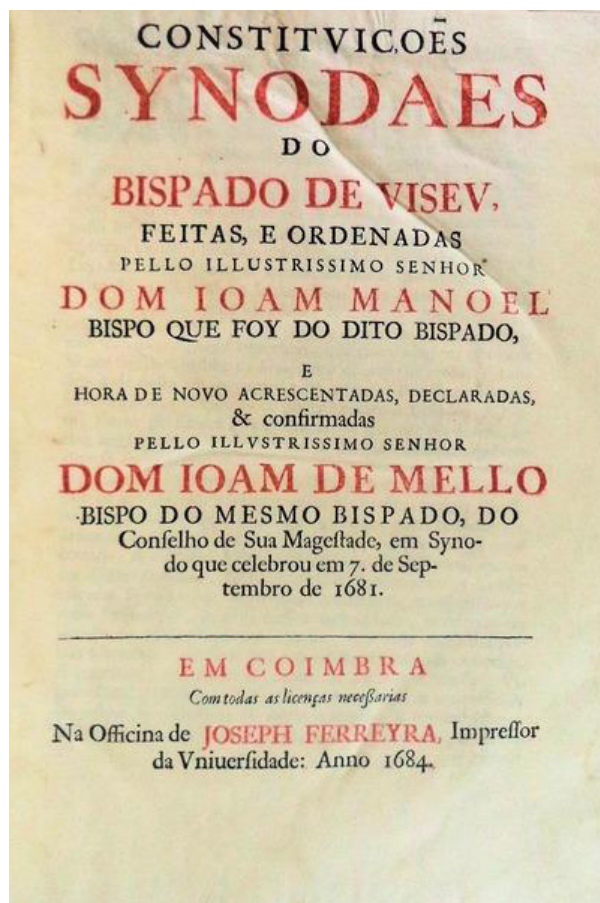


Imagem 9 – Folha de rosto das *Constituições Synodales do Bispado de Viseu...* Coimbra: Na Officina de Joseph Ferreyra, 1684 (imagem colhida em site de Abebooks e Livraria Castro e Silva)²⁹

29 Em AbeBooks anuncia-se a venda desta obra na Livraria Castro e Silva: <https://www.abebbooks.com/CONSTITVI%C3%87%C3%95ES-SYNODAES-BISPADO-VISEV/16745404070/bd>. A consulta da descrição bibliográfica do exemplar (cota MC-1212) existente na Biblioteca João

O impressor José Ferreira que era também impressor da Universidade também foi identificado como mercador, na escritura de contrato (Imagem 8). Mais uma vez se nota como a mesma profissão abrangia a impressão do livro e o seu comércio. Esta edição das *Constituições do Bispado de Viseu* é bastante rara, como se refere na sua descrição, onde foi colhida a imagem apresentada e que aponta para a existência de apenas um exemplar na rede pública de bibliotecas portuguesas, na Biblioteca João Paulo II, da Universidade Católica, com a cota MC-1212. Foi confirmada a existência deste exemplar pela consulta do catálogo online desta biblioteca (nota p. 29).

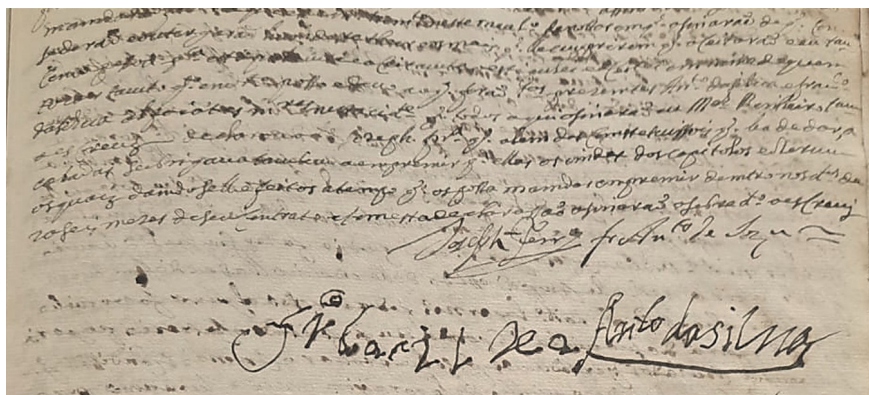


Imagem 10 - 07.10.1683 - Linhas finais da escritura de contrato para impressão das *Constituições do Bispado de Viseu*.

Os repasses de tinta, a acidez e a oxidação do papel, assim como a migração da tinta dificultam a leitura e esta situação permanece ao longo de todas as páginas da escritura notarial. Podem ver-se as assinaturas do impressor José Ferreira e de Fr. António de Jesus, que era o procurador do Bispo de Viseu, D. João de Melo (fl. 35). Na ante-penúltima linha, do final da escritura, refere-se que também seria impresso o índice dos capítulos da obra. Apesar de todo o texto deste

Paulo II, Universidade Católica, Lisboa, está acessível em Detalhes: *Constituições synodales do Bispado de Viseu* › Universidade Católica Portuguesa - catálogo

contrato dizer respeito à impressão das *Constituições do Bispado de Viseu*, podemos ainda colher uma informação complementar, mas breve, nas últimas linhas do texto (fl. 35) sobre a impressão de duas outras obras, em zona de texto de difícil leitura.

A Irmandade de Nossa Senhora das Neves e os impressores e livreiros de Coimbra

A existência desta Irmandade localizada no Colégio de Jesus de Coimbra pode ser conhecida em diversas escrituras notariais lavradas em livros de tabeliães de Coimbra. Podemos avançar com o nome do tabelião João Dias Gomes (1688), como um dos que lavrou uma escritura de contrato de dinheiro dado a juros por aquela Irmandade. Muitas instituições encontravam nesta forma de rentabilização de dinheiro uma boa fonte de proventos para a sua sobrevivência. Em 24 de novembro de 1688 o dito tabelião redigiu uma escritura através da qual a Irmandade de Nossa Senhora das Neves emprestava 20 mil réis em dinheiro a Manuel Barreto, morador na Rua de Quebra Costas. O juiz da Irmandade era então o livreiro José Ferreira, sendo o cargo de escrivão ocupado pelo livreiro João Antunes.³⁰

Na citada escritura apenas se identifica Manuel Barreto como mercador, mas a consulta de outros atos notariais permite confirmar que era um Impressor. Refira-se, a título de exemplo, a escritura de confissão de dívida, lavrada em 12.12.1692 pelo tabelião João Dias Gomes já referida neste texto (p. 218), em que Manuel Barreto foi identificado como impressor

Quanto ao mercador de livros João Antunes, sabe-se que entrou no mercado livreiro também como patrocinador da impressão de obras, como o atesta o pé de imprensa das próprias obras impressas que podemos consultar em diversas bibliotecas e que foram já reunidas

30 Cartório notarial de Coimbra (F); Livros de escrituras (SR), Tabelião João Dias Gomes, 1688-1689, fl. 34v-35v - cota: AUC-V-1ªE-8-4-162.

na obra de Gonçalves (2010, p.162-163). Um exemplo desta situação é já conhecido muitos anos antes de ele aparecer nesta escritura de 1688, do citado tabelião João Dias Gomes. Atente-se na obra do doutor Jerónimo Ribeiro de Carvalho, chantre da Sé de Coimbra, que tem por título *Sermam na profissam de Soror Maria do Salvador* e que foi impressa em 1675 por Maria Coutinho, viúva do impressor Manuel Carvalho. É raro o caso de uma mulher que ocupou o lugar de impressora da Universidade, com contrato feito com a instituição, tendo sido responsável pelas impressões na Universidade durante 25 anos (Bandeira, 2024). Na portada deste *Sermão*, aparece João Antunes na zona do pé de imprensa como a pessoa que custeou a obra: «A custa de Joam Antunes mercador de livros» (1655) na «Imprensa da viúva de Manuel Carvalho Impressora da Universidade».

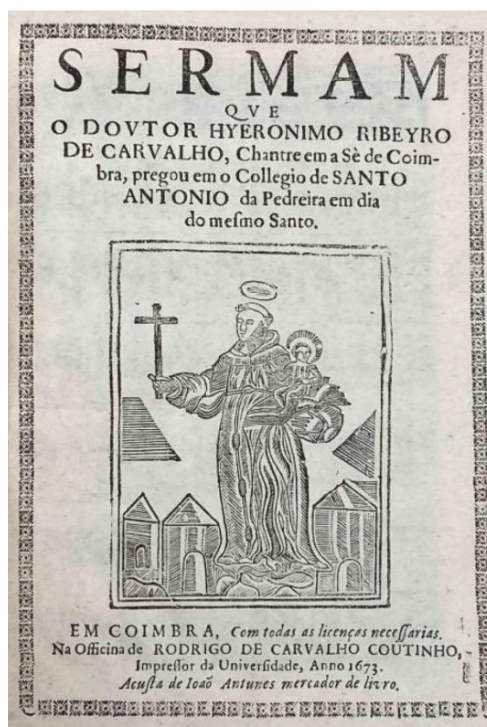


Imagem 11 – Página de rosto de *Sermam que o Dovtor Hyeronimo Ribeyro de Carvalho, chantre em a Sé de Soimbra...* Coimbra: Rodrigo de Carvalho Coutinho, 1673. (exemplar pessoal, mas que também existe na BNP <https://purl.pt/27921/service/media/pdf>)

Neste outro sermão (Imagem 11) do mesmo autor já referido, mas agora pregado no Colégio de Santo António da Pedreira e impresso na Oficina de Rodrigo de Carvalho Coutinho, o nome de João Antunes, mercador de livros, apresenta-se também a custear esta obra, como ficou registado, em letra de forma, no pé de imprensa.

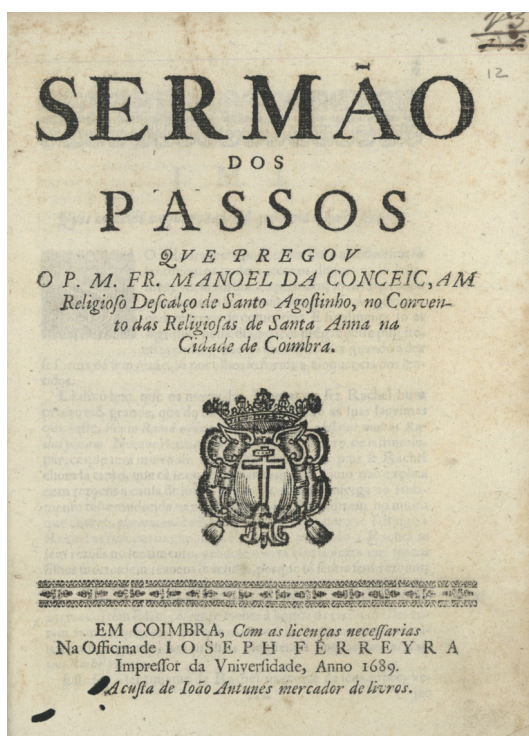


Imagem 12 – Página de rosto de *Sermão dos Passos que pregou [...] o P. M. Padre António de Sá*. Coimbra: José Ferreira, 1689³¹.

Nesta imagem podemos ver como o mercador João Antunes surge a custear a impressão, tal como aconteceu com muitas outras obras.

Mas também João Antunes se torna impressor, ao constatar, certamente, a rentabilidade que poderia obter associando a impressão e o comércio livreiro. A primeira obra por ele impressa até agora referida

31 Exemplar identificado no site da Biblioteca Nacional de Lisboa, acessível em *Sermão dos Passos que pregou* ao recolher da prociçam [sic]

data de 1692 e a sua produção livreira continuará até 1726, de acordo com o elenco de obras e biografia já traçada (Gonçalves, 2010).

Quanto a esta Irmandade, sobre a qual pouco ou quase nada se sabe até agora, deverá ter representado um papel semelhante ao da Irmandade de Santa Catarina do Monte Sinai, existente em Lisboa, na igreja de Santa Catarina. Mas quanto a esta instituição também designada por Confraria de Santa Catarina sabemos que era, efetivamente, uma Corporação de Livreiros, como poderá ser confirmado em algumas obras já publicadas sobre livreiros em Portugal (Guedes, 1993 e 2003). Considerada uma opulenta Confraria, possuiu livros que estiveram guardados num anexo da igreja da Lapa, em Lisboa. Entre esses livros figura um com apontamentos históricos e cronológicos sobre a *Origem da Antiga Confraria dos Livreiros* também designada *Confraria dos Livreiros de Santa Catahrina de Ribamar* cuja origem remontaria ao séc. XV. Pode presumir-se que essa Irmandade de Santa Catarina esteve entregue à administração da Confraria dos Livreiros e passou a incluir o seu nome na sua designação (Guedes, 1993, p. 107).

Esta Irmandade de Nossa Senhora das Neves, em Coimbra, não revela essa ligação intrínseca com livreiros e impressores. Nada de esclarecedor foi identificado na leitura dos *Estatutos da Irmandade de N. S. das Neves sita no Collegio da Comp.^a de Jezus de Coimbra* de 1621. O volume assim intitulado pertence ao acervo da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, por oferta que lhe foi feita pelo Conde de Vila Pouca, como se pode ver no rótulo aposto no início do volume³², sem podermos saber, concretamente, a quem se reporta este título nobiliárquico, da família Alcoforado. Fundada no séc. XVII e com aprovação pontifícia por Bula do Papa Gregório XV datada de 9 de julho de 1621, esta Irmandade não era apenas devocional, mas também assistencial: no acompanhamento do enterramento, na pobreza e na doença. Podemos apenas colher, nos seus estatutos, no

32 Referência da SMS - ARQ156: <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/archsms/item/68846>

Tit. 30, «Da ordem no recebimento dos Irmãos», que estes deveriam ser oficiais mecânicos que vivessem corretamente dos seus ofícios, «tratos e fazendas». Aqui se pode entender a inclusão de impressores e livreiros, tal como os vamos encontrar, figurando em escrituras notariais que envolvem a Irmandade de Nossa Senhora das Neves, apresentando-se como seus secretários e juizes. Era uma forma de sentirem uma protecção em caso de doença ou de pobreza. Podiam, também, aceder a empréstimos monetários feitos pela Irmandade, sempre que necessários para a sobrevivência dos seus negócios.

CONCLUSÃO

No presente artigo propunha-se alargar o estudo da história da imprensa em Coimbra nos séculos XVI e XVII, tradicionalmente remetida para um recenseamento dos exemplares impressos e identificação dos seus impressores. Reconhecendo que existe uma limitação no acesso a fontes documentais diversificadas e depois de uma pesquisa em que foram identificadas escrituras notariais de contratos de impressão, fez-se o seu estudo e transcrição paleográfica. Foi feita a análise e divulgação de documentos manuscritos que se revelaram essenciais para um aprofundamento da história da imprensa. Foi conferido um destaque particular às escrituras notariais de Coimbra e do Colégio de Jesus de Coimbra e colocou-se em evidência uma documentação que trouxe à luz informação valiosa. As formalidades dos contratos de impressão revelam a quantidade de exemplares a imprimir, as datas de entrega da impressão, quem fornece o papel e outros materiais, os preços de impressão e quais as responsabilidades que cabem ao impressor. As escrituras dos tabeliães de Coimbra complementam o que se conhecia sobre a atividade e a vida pessoal de impressores e livreiros, permitindo conhecer os laços de parentesco e proximidade entre estes profissionais. Foi possível, através

destes escritos, ter o privilégio de nos acercarmos das pessoas, suas assinaturas, suas moradas, suas famílias e a sua inserção no tecido económico e social da cidade.

Uma abordagem multidisciplinar de todos estes dados biográficos, profissionais, toponímicos e geográficos só pode enriquecer a história do livro, nas suas vertentes de impressão e comércio. A divulgação destas fontes abre, forçosamente, novos caminhos que permitem cimentar a história da imprensa em Coimbra. Que o caminho seja frutuoso, para aqueles que amam os livros e persistem em conhecer os seus primórdios.

Apêndice documental³³

Doc. 1

1591, abril, 2 – Contrato entre o Colégio de Jesus de Coimbra e o impressor António de Mariz.

[fl. 45v] Contrato de Antonio de Marys com o Collegio

Em nome de Deos Amen. Saibaõ os que este publico instrumento de contrato e obrigaçaõ virem que em os dous dias do mes de abryl do anno do nascimento de nosso senhor Jesu Christo de myl e quinhentos noventa e hum, nesta cidade de Coimbra e Collegio da Companhia de Jesu, na casa do despacho delle onde estavaõ presentes o Reverendo Padre Pero Gonçalves procurador do dito Collegio, por virtude da procuraçam que tem do muyto Reverendo Padre Reitor delle para fazer e cellebrar todos e quaesquer contratos e composi-

33 Na transcrição paleográfica manteve-se a acentuação original de palavras; foram separadas as palavras indevidamente unidas; foram unidas as palavras indevidamente separadas; manteve-se a grafia de v e de u, a grafia de i e y, assim como a grafia de s e de z; desdobraram-se as abreviaturas; mantiveram-se as consoantes duplas; desdobrou-se o símbolo Crismon para a grafia de Christo.

ções e obrygações tocantes ao dito Collegio, e obryguar todos seus bens e fazenda e renda a aver por bom todo o que por elle Padre Pero Gonçalves procurador for feito como isto consta de sua procuraçam feita por Antonio de Gouveia esprivaõ que foi deste Collegio no anno de myl e quinhentos oitenta e seis a vinte seis dias do mês de setembro, e outrosi estando presente Antonio de Marys impressor desta Universidade pellos quaes foi dito perante mim publico esprivaõ e testemunhas ao diante nomeados que estavaõ contrtatados, e de feito se contrataram para elle Antonio de Marys impremyr ha sua custa de papel, tinta, e trabalho de mãos e industria e todo o mais necessaryo para a dita impressaõ hum livro que se chama dos físicos composto pello Padre Manoel de Guoes da dita Companhia, na forma do papel e characteres que lhe deraõ com sua grosas e margens, o qual lyvro começara de impremir tanto que lhe derem o original por onde o há de ir impremyndo, asy como lhe derem os cadernos, sem meter outra alguma obra na dita pressa [sic] ate que seja de todo acabado o dito lyvro, contanto que se lhe deem os padres para seo aviamento necessaryo, asy do original como da correição e provas; e acabado de imprimir o dito lyvro lhe dará ele Antonio de Marys ao dito Collegio cem volumes do dito lyvro dos físicos de graça e mais cincoenta vollumes do dito lyvro pondo os padres somente o papel. E o dito Padre Pero Gonçalves [fl. 46] se obryguou em nome do dito collegio a terem o dito lyvro dos físicos no dito collegio, e no Collegio da dita Companhia da cidade de Evora por espaço de quatro anos, em cada hum anno, e nos collegios de Lixboa e de Bragua, hum anno em cada quatro anos porque asi se lem [sic] ate aguora nestes dous collegios e mais se obrigou o dito Padre procurador a dar ao dito Antonio de Marys licença como defeito por este publico instrumento lha da e ha por dada em nome do dito Collegio para elle impremyr para sy as artes pequenas do Padre Manuel Alvares, não as reformadas se não as outras [*frase sublinhada no manuscrito*], por quantas vezes quiser. E quanto has ditas artes pequenas se as reformarem e concertarem

em cada anno, digo de novo os Padres lhas darão para elle Antonio de Marys as impremyr para si tanto por tanto conforme ao concerto que sobre ellas farão nesse tempo .s.³⁴ de como as ha de impremyr e dos volumes que ha de dar ao Collegio, comtentando aos Padres os caracteres e papel e lhe farão a elle mais equidade que a outrem, e não imprymyra as ditas artes pequenas por reformar, senão depois que já estiver imprymindo o dito livro dos físicos. E asy mais se obrigou o dito Antonio de Marys a impremyr quatrocentos martyrologios do original Romano tralladado em português conforme ao original que os Padres do dito Collegio lhe tem dado, o qual impremira no seu papel e há sua custa , e os Padres do dito Collegio lhe paguaraõ por cada folha inteira três reis, e lhe dará a esta conta para dia de Pascoella que vem cincoenta cruzados e no cabo a demasia, quando fazer a entrega de todos ditos quatrocentos lyvros. E declarou mais o dito Antonio de Marys que se obryguava a dar ao dito Collegio houtros [sic] cincoenta vollumes do dito livro dos físicos impressos e os Padres lhe paguaram somente o papel e custo da impressão que elle Antonio de Marys diser que lhe fizeraõ de custo em sua consciencia. E o dito Padre procurador se obrygou pellos bens e rendas do dito Collegio [fl. 46v] a lhe pagar e compryr todo o sobredito e em caso que lhe não dem a elle Antonio de Marys o aviamento necessayro de originais e provas para os officiaes da impressão proseguyrem na dita impressão que o collegio lhe paguara o custo dos tais officiais, e o dito Antonio de Marys da sua parte para cumprir com todo o conteudo nesta obrygação disse que obriguava todos seus bens e fazenda avida e por aver sob penna de pagar a parte que isto não compryr há que por isso escrever quinhentos cruzados de penna e nome della quoaal levada ou não todavia este estromento se cumpra e guarde cada hum seu como se nelle contem, e por o tocante a elle se obryguaraõ responder perante o conservador desta Universidade sem

34 Abreviatura de *scilicet*, ou seja, na tradução portuguesa, a saber.

poderem declynar seu foro e juizo, e em fe e testemunho de verdade mandaraõ ser feito este estromento nesta nota que asinaraõ de que pediraõ e se outorguaraõ cada hum seu deste teor que aceytaraõ cada hum pella parte que lhe cabia, e que eu esprivaõ publico estipuley e aceitei em nome das partes absentes a que pertencer como pessoa publica estipulante e aceytante quanto em direito posso e devo, ao que foraõ testemunhas presentes diguo posso e devo, e declarou mais o dito Padre procurador que se obriguava a se ler em cada hum dos ditos collegios o dito livro dos físicos asy como atras fica dito, lendo se o curso nelles, como ora se le por que acontecendo que se deixe de ler em algum delles por falta e culpa dos padres, em tal caso lhe paguara este collegio a perda que nisso receber ou tomara a sua conta os vollumes que elle Antonio de Marys houvera de gastar e impress [sic] diguo vender em cada hum dos ditos collegios para o que obryguava elle Padre procurador os bens e rendas do dito Collegio, e que este contrato avera effeyto por esta impressão somente, ao que foraõ testemunhas presentes Pero Pinto Freire morador em a sua quinta de Paramos e Nicolao da Silveyra morador em Esgueira e Manuel da Costa Coutinho o esprevi / dizia o riscado, por, e os mal espiritos, reforma agente do dito collegio e eu Diogo, quatro Diogo Coutinho esprivão

[Assinaturas]

Nicolao da Silveira Pero Gonçalves Antonio de Marys

Padre Pero da Fonseca ... Manuel da Costa

Doc.2

1596, junho, 14, Coimbra – Contrato entre o Colégio de Jesus de Coimbra e o impressor António de Mariz.

[fl. 106] 2.º Contrato com Antonio de Marys impressor

Saibaõ os que este publico instrumento de contrato e obryguação virem que em os quatorze dias do mês de junho do anno do naci-

mento de nossso senhor Jesu Christo de myl e quinhentos noventa e seis, nesta cydade Coimbra e Collegio da Companhia de Jesus della onde estavaõ presentes o Reverendo Padre Pero Gonçalvez procurador geral do dito Collegio, e asy Antonio de Marys, impressor desta Universidade, pellos quais foi dito perante mym esprivão publico e testemunhas ao diante nomeadas que eles estão contratados para elle Antonio de Marys imprymir os Comentarios de generatione e de anima que ora o muito Reverendo Padre Manuel de Guoes da dita Companhia tem composto, e depois os da logica. Disse o dito Antonio de Marys que elle se obriga a imprimir os ditos lyvros de papel e marca e bondade que responda à dos físicos que elle Antonio de Marys imprymio e asi nos caracteres, e perfeição das obras, e que não abryra dellas maõ despoes e lhe dar o original de cada hua dellas, por notáveis intervalos. E dos da logica lhe sera o collegio obrygado a dar o original composto pello dito Padre Manuel de Guoes ou por outrem a quem a Companhia o cometer subcedendo [sic] por qualquer via que o dito Padre Manuel de Guoes os não podesse continuar. E asy se obryguou elle Antonio de Marys a dar ao collegio cincoenta tomos dos ditos lyvros de generatione e de anima e cento e dez da logica bons e escolhidos. E que sendo caso que elle Antonio de Marys não continue todas as ditas obras perfeitamente, por morte o que Deus não queira ou por qualquer outro caso, serão obrygados seus herdeiros a continuar a tal impressão e o Colegio a lha dar, e faltando por sua parte delle Antonio de Marys ou de seus herdeiros [*estas três palavras estão entrelinhadas*] ficara o Collegio desobryguado de lha dar [fl. 106v] a seus herdeiros, e a poderá o Colegio dar a imprymir a quem quizer posto que este começada há custa delle ou de seus herdeiros a quem ficaraõ as tais obras com obrygação de dar os ditos livros e volumes de graça ao dito Collegio o que tudo se fara e compryra por ambas as partes com todas as clausullas e obrygações atras narradas. / E que se acontecer que neste Collegio se não acabe de compor o original da logica e que se acabem qualquer outro da

companhia nesta provincia este Collegio sera obryguado a lhe dar a elle Antonio de Marys o dito original perfeito e acabado para sair e se acabar a dita obra em nome deste Colegio as artes conforme há ordem que os superyores nisto tem dado. E que não poderaõ elle Antonio de Marys nem seus herdeiros nem outra pessoa por sua via, fazer a segunda impressaõ destas obras nem alguma dellas sem licença e consentimento deste Collegio, e que tendo o Padre Reitor por sy ou por outrem assim aos livros desta prymeira impressaõ o poderá fazer para que conste [*pingo de tinta sobre a palavra*] que elle Antonio de Marys não fez mais que esta prymeira impressaõ. E que despois de impressos estes livros o Collegio sera obryguado a fazer com que se leam nelle e no de Evora enquanto se ler nelle o curso das artes como agora se lee. E que os pryvilegios que tem o Collegio em favor de não vyrem de fora livros compostos por padres da Companhia se comunicaraõ em favor desta impressaõ para o que não possaõ estes livros nem algum deles vir de fora nem correr nesta provincia sem licença e consentimento delle Antonio de Marys, e que se o Colegio tem o tal privilegio ou privilégios ou ao diante o tiverem, ficara favorecendo e comunycando esta impressaõ com as mesmas penas e clausullas e graças quem elles acharem. E para todo asy compyrem disseraõ elle Padre Pero Gonçalvez que em nome do Colegio por vertude de huma provisam geral de que dou fe, e o dito Antonio de Marys por seus bens e fazenda de seus herdeiros, o promete cumprir cada hum por sua parte como asi se contem e que por todo o tocante a elle responderaõ perante o conservador [fl. 107] desta Universidade, sem poderem declinar seu foro e juízo que renunciaram e elle Antonio de Marys, e forças e embarguos. Em fe e testemunho de verdade mandaram ser feito este estromento nesta nota que assinaram de que pediram (?) e se outorguaraõ a que cumprissem deste teor que aceytaraõ cada hum pella parte que lhe cabia e que eu esprivaõ publico estipulei e aceitei em nome das partes absentes a que pertencer como primeira pessoa estipulante e aceytante quanto em direito posso e devo / a

que foraõ testemunhas presentes Antonio Anriquez e Gaspar Roiz barqueiros e Pero Roiz familiar do dito Colegio e eu Diogo Coutinho que o esprevi / dizem as antrelinhas , ou de seus herdeiros, e no de Evora, e o mal esprito diz, sera, Diogo Coutinho o esprevi.

[Assinaturas] Pero Gonçalves

Antonio Anriquez Pero Roiz [*com sinal de que assinou de cruz*]

Gaspar Roiz [*com sinal de que assinou de cruz*] Antonio de Marys

Doc.3

1683, outubro, 7, Coimbra – Contrato com José Ferreira mercador de livros e o procurador do Bispo de Viseu.

[fl. 34] Contratto que fes Joseph Ferreira mercador de livros morador nesta cidade com o Padre mestre Frei Antonio de Jesu Relegiozo de Nossa Senhora da Grassa como Procurador do bispo de Viseu.

Saibaõ quantos este publico instrumento de comtratto e obrigassão ou como em direito melhor dizer se possa virem que no anno do nassimento de nosso senhor Jesu Cristo de mil seiscentos e outtenta e três anos aos sete dias do mês de outtubro do dito anno nesta cidade [de] Coimbra demtro no Colegio de Nossa Senhora da Grassa em a salla do muito Reverendo Padre Mestre Frei Antonio de Jesus cronista da dita Ordem aonde eu tabeliam vim ali estava presente Joseph Ferreira Almoxarife desta mesma cidade e mercador de livros morador em a mesma cidade ambos pessoas que reconheço e loguo pelo dito Reverendo Padre me foi apresentada huma procuração do Illustrissimo Senhor Bispo da cidade de Vizeu Dom João de Mello do qual o theor he o seguinte. Por esta nossa sedada [sic] somente feita do nosso mandado e firmada por nos damos poder ao Reverendo Padre mestre coronista Frei António de Jesus da Ordem de Santo Augustinho [fl. 34v] nosso procurador bastante com licença de seu muito Reverendo prelado para que possa reformar alterar ou deminuir com as declarassois e

condissois necessárias o contratto que em nosso nome celebrou com Joseph Ferreira empresário e mercador de livros da cidade de Coimbra sobre a epressão [sic] das Constiuissóis deste nosso bispado de Viseu e aditamentos emendas e declarassois que fizemos no sínodo, que celebramos que tudo consta da escritura feita em Coimbra na nota de Francisco Gomes da Silva tabeliam publico aos trinta dias do mês de marsso de mil seiscentos outtenta e três e tudo o que agora de novo for contratado reformado alterado acrescentado, e demenuido em qualquer parte comdisão e sircunstancia deste ditto contrtratao pelo dito nosso procurador por escretura publica ou particular com o dito Joseph Ferreira haveremos por bem firme e valioso, sob obrigassão e theor da procurassão que pera este efeito lhe fizemos dada em Viseu sob nosso sinal somente aos vinte e nove de marso de seis diguo de marsso de mil seiscentos e outtenta e tres // Joaõ Bispo de Viseu // e não se continha mais na dita procurassão que aqui copiei da própria que fica em meu poder a que me reportto por não ser nesesario para mais, e diseraõ ambos assim o Reverendo Padre mestre Frei Antonio de Jesu como Joseph Ferreira e cada hum delles de per si in solidum a mim tabaliaõ perante as testemunhas ao diante nomeadas e no fim desta notta assinadas que elles estavaõ contrtrattados em vertude de huma procuração do Sr. Bispo de Vizeu como procurador do Senhor Bispo que lhe daria trezentas e quinze Constituissóis empresas e cadernadas [sic] em purgaminho postas as custas delle dito Joseph Ferreira em a cidade de Viseu por presso e quamtia certa de quatrocentos e vinte mil reis tendo as ditas Constituissóis duzentas folhas, se abateria ao dito Joseph Ferreira outros mil duzentos e sincoenta reis por cada huma que de menos tivesse; e per quanto de novo acharaõ que hera mais conveniente tirar se a dita clauzula e respeito das letras em que se empremissem as ditas Constituissóis poderem ser maiores ou menores, com que ficava em maior conveniência de huma e outra parte e per outras rezois que sobrevieraõ; diseraõ ambos que de novo estavaõ ajustados como por este publico instrumento ajustaraõ que o comtratto que tinhaõ feito

na nota do dito tabeliam Francisco gomes da silva sobre a dita em-
pressaõ ficasse em seu vigor exsepto [sic] a dita claausula e condissaõ
feita sobre o haver de ter o livro das Constetuissois mais ou menos
das ditas duzentas folhas per que nesta parte o haviaõ por revogado
e alterado e somente de novo se contratarã em que o dito Joseph
Ferreira será obrigado demtro no seu tempo do dito comtratto a dar e
emtreagar as ditas Constetuissois ou tivesse duzentas ou mais ou menos
folhas sem que por serem mais lhe haviaõ de dar mais da dita quantia
de quatrocentos e vinte mil reis como também por serem menos lhe
não abateraõ nada da dita quantia. E outrossi disse o dito Reverendo
Padre mestre Frei Antonio de Jesu que as obras do Padre Genete (?) e
as de Manuel de Faria que elle dito Joseph Ferreira lhe prometera [fl.
35] pelo trabalho de correr com as emendas da dita Constetuiissão se
daria perante o que dellas (?) pella (?) haver recebido e que o original
para se empremirem as ditas Constetuissois o entregara ao dito Joseph
Ferreira em o primeiro de Agosto deste anno prezemte dia em que co-
meçou a correr os dezasseis meses a obrigassã delle dito Joseph dar
acabadas e empremidas as ditas Constituissóis [...?] assi o outorgaraõ
e de tudo mandaraõ [...?] instrumento neste meu livro de nottas em
que o assinaraõ deste theor e o mais que lhe em visto do que cumprir
em que aceitaraõ e eu tabeliam como pessoa publica estipulante e
aceitante estipulei e aceitei em visto de quem tocar tanto quanto em
direito posso e devo ao que foraõ testemunhas presentes Antonio da
Silva e Francisco da Silva alfaiates moradores nesta cidade que todos
aqui assinaraõ eu Manuel Pinheiro tabeliam o escrevi. Declarou o dito
Joseph Ferreira que alem das Constetuissois que ha de dar acabadas
se obriguava a empremir para ellas os index de capitulos e resumo os
quais dando se lhe feitos a tempo que os possa mandar empremir de-
mtro nos ditos dezasseis meses de seu contrato e com esta declarassã
assinaraõ o sobredito o escrevi.

[Assinaturas] Joseph Ferreira
Francisco da Silva

Fr. Antonio de Jesu
Antonio da Silva

FONTES MANUSCRITAS:

Arquivo da Universidade de Coimbra:

Universidade de Coimbra (F); Livros de Receita e Despesa (SR), 1592-1593 – cota AUC-IV-1.^aE-12-3-3.

Universidade de Coimbra (F); Livros de notas/escrituras notariais (SR), t. 28, liv. 5

Cartório Notarial de Coimbra (F); Livros de notas (SR); Tabelião João Pereira

Cartório Notarial de Coimbra (F); Livros de notas (SR); Tabelião António Rodrigues

Cartório Notarial de Coimbra (F); Livros de notas (SR); Tabelião Francisco Gomes da Silva

Cartório Notarial de Coimbra (F); Livros de notas (SR); Tabelião João Dias Gomes

Cartório Notarial de Coimbra (F); Livros de notas (SR); Tabelião Tomé Borges

Cartório Notarial de Coimbra (F); Livros de notas (SR); Tabelião Francisco Soares Rebelo

Colégio de Jesus de Coimbra (F); Livros de Notas (SR), vol. 11

Sociedade Martins Sarmiento

Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora das Neves sita no Collegio de Jezus de Coimbra, 1621 (SMS - ARQ156).

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Frei António José de (2007) – “A mobilidade do impressor quinhentista português António de Mariz”. In Ferreira Alves, N. M. (coord.) *Artistas e artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa: Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Porto: CEPESE, p. 59-68. Acessível em <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/artistas-e-artifices-e-sua-mobilidade-no-mundo-de-expressao-portuguesa/a-mobilidade-do-impressor-quinhentista-portugues-antonio-de-mariz>

Almeida, Manuel Lopes de (1970) – *Artes e ofícios em documentos da Universidade*. Coimbra, v. 1.

Anchieta, José de (1595) - *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz.

Bandeira, Ana Maria Leitão (1995) – “Contrato com António de Mariz para Impressão da Obra do P.e Sebastião Barradas - Um caso de parceria de edição em 1597”, *Cadernos BAD*, (3), p. 45-51.

- Bandeira, Ana Maria Leitão (2024) – “Maria Coutinho: uma mulher impressora no séc. XVII, em Coimbra”, *Arquivo Coimbrão, Boletim da Biblioteca Municipal*, XLV-11, p. 7-22.
- Despauterius, Ioannes (1563) - *Carmina* ...Braga: António de Mariz.
- Carvalho, Jerónimo Reibeiro de (1673) - *Sermam que [...] pregou em o Collegio de Santo Antonio da Pedreira [...]*.Coimbra: Rodrigo de Carvalho Coutinho.
- Carvalho, Joaquim Martins de (1868) - *Apontamentos para a Historia Contemporânea*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Acessível em <https://ia802809.us.archive.org/31/items/apontamentospara00mart/apontamentospara00mart.pdf>
- Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Iesus, que andão nos Reynos de Iapão escreuerão aos da mesma Companhia* ... (1570). Coimbra: António de Mariz.
- Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, in octo libros.....*, (1592). Coimbra: António de Mariz.
- Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu In tres libros de Anima Aristotelis Stargitae...* (1598). Coimbra: António de Mariz.
- Constituições Synodaes do Bispado de Viseu...* (1684). Coimbra: Na Officina de Joseph Ferreyra.
- Dias, João José Alves (2014) – “Os primeiros caracteres chineses impressos no Ocidente, 1570”. In *Portugal-China: 500 anos*. Coordenação de Miguel Castelo-Branco e Paulo J. S. Barata. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 77-83.
- Fonseca, Jorge (2015) – “Impressores e livreiros europeus na Lisboa dos séculos XVI e XVII”. *Ammentu. Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe* n. 7, luglio-dicembre, pp. 49-56. Acessível em <https://www.centrostudisea.it/ammentu>
- Gonçalves, José Jorge David de Freitas (2010) - *A Imprensa em Coimbra no século XVII*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História Económica e Social. Lisboa: UNL: FCSH. Acessível em <https://run.unl.pt/handle/10362/10106>
- Guedes, Fernando (2001) – *O livro como tema: história, cultura, indústria*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Guedes, Fernando (2003) – *A Confraria de Santa Catarina do Monte Sinai da corporação dos livreiros*. Lisboa: Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.
- Leão, Manuel (1995) – “Livros, livreiros e impressores portuenses do século XVII”. *Humanística e Teologia*, Porto, n.º 16, pp. 145-173.
- Sá, António de (1689) – *Sermão dos Passos [...]*. Coimbra: José Ferreria.
- Santos, Daniela Fernandes (2023) - “Os privilégios de impressão de livros na carreira do tipógrafo António de Mariz” . *Cadernos do Arquivo Municipal*. Câmara Municipal de Lisboa, 2.ª série, n.º 20.